

Edição revista pelo autor.

Correndo contra o destino

© Raul Drewnick, 2001

**Gerência editorial** Kandy Saraiva

**Edição** Andreia Pereira

**ARTE**

Ricardo de Gan Braga (superv.), Narjara Lara (coord.), Nathalia Laia (assist.)

**Projeto gráfico & redesenho do logo** Marcelo Martinez | Laboratório Secreto

**Capa** montagem de Marcelo Martinez | Laboratório Secreto sobre ilustração de Célia Kofuji

**Editoração eletrônica** Thatiana Kalas

**REVISÃO**

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Camila Saraiva e Flávia Zambon

**ICONOGRAFIA**

Sílvio Kligin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

**Crédito das imagens** Cristina Precioso (p. 154); Arquivo pessoal (p. 156)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D832c

Drewnick, Raul, 1938-

Correndo contra o destino / Raul Drewnick. - [2. ed.] - São Paulo :

Ática, 2017.

160 p. : il. (Vaga-Lume)

Apêndice

ISBN: 978-85-08-18462-0

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Título II. Série.

17-39688

CDD: 028.5

CDU: 087.5

CL 739972

CAE 619961

2017

2ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

**editora ática**

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A., 2017

Avenida das Nações Unidas, 7221

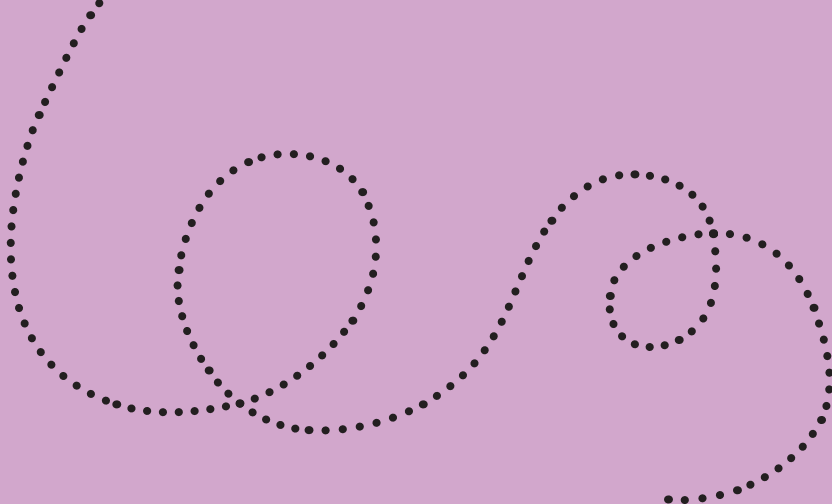
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



A decorative graphic consisting of a series of black dots forming a complex, swirling pattern that starts from the top left and moves towards the right, ending in a small spiral.

# Correndo contra o Destino

RAUL DREWNICK

*Série Vaga-Lume*

A decorative graphic consisting of a series of white dashed lines forming a complex, swirling pattern that starts from the bottom left and moves towards the right, ending in a small spiral.

ea

editora ática



## Transformando as dificuldades em desafio

A VIDA DÁ MUITO A ALGUNS E QUASE NADA A OUTROS. Mas, muitas vezes, estes que nada têm são dotados de uma força, garra e obstinação capazes de fazê-los superar todas as dificuldades.

Pascoal está satisfeito. Depois de muita luta, consegue realizar seu maior sonho: abrir seu próprio negócio, um mercadinho num bairro pobre da periferia de uma grande cidade. Só lhe falta agora vencer a resistência de Marta, sua mulher, que não se adapta ao novo lugar. Mas ele persiste, pois tem a convicção de que está no caminho certo.

É nesse caminho que ele e sua família vão se encontrar com Sueli, uma menina decidida, cujo sonho é tornar-se uma grande desportista. Sueli também enfrenta muitas dificuldades: a família numerosa, a extrema pobreza na favela, a falta de caráter do pai. No entanto, não se deixa vencer pelos obstáculos. Ao contrário, estes lhe dão força para superar seus limites.

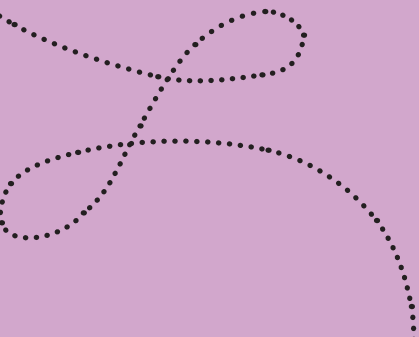
Nesses destinos que se cruzam, você vai conhecer o cotidiano de um bairro humilde e a vida difícil na comunidade. Vai também vibrar com as emoções do esporte e ser tocado por esta história de garra, esperança e solidariedade.



<i>capítulo 1.</i>	
Um carequinha muito rápido	<b>11</b>
<i>capítulo 2.</i>	
Nós vamos ser grandes	<b>15</b>
<i>capítulo 3.</i>	
Mau humor nota 10	<b>20</b>
<i>capítulo 4.</i>	
Zangado e sem macarrão	<b>24</b>
<i>capítulo 5.</i>	
Ah, aquela escola!	<b>28</b>
<i>capítulo 6.</i>	
Todos para a pista	<b>31</b>
<i>capítulo 7.</i>	
Mais ajuda ainda?	<b>34</b>
<i>capítulo 8.</i>	
Eu conheço aquele ali	<b>36</b>
<i>capítulo 9.</i>	
Agora chega, Marta	<b>40</b>
<i>capítulo 10.</i>	
Um presente para Pascoal	<b>43</b>
<i>capítulo 11.</i>	
Guerra ou paz?	<b>47</b>
<i>capítulo 12.</i>	
Mãe até debaixo de água	<b>51</b>
<i>capítulo 13.</i>	
Aqui, tudo vai mal	<b>55</b>



<i>capítulo 14.</i>	
Uma visita ao inferno	<b>60</b>
<i>capítulo 15.</i>	
Uma garota de fibra	<b>64</b>
<i>capítulo 16.</i>	
Não nasci para ser santa	<b>69</b>
<i>capítulo 17.</i>	
Só vale vencer	<b>72</b>
<i>capítulo 18.</i>	
Um “s” a mais	<b>78</b>
<i>capítulo 19.</i>	
Empregada para quê?	<b>83</b>
<i>capítulo 20.</i>	
Uma pequena vingança	<b>86</b>
<i>capítulo 21.</i>	
Uma vitória sem brilho	<b>89</b>
<i>capítulo 22.</i>	
Cadê a Sueli?	<b>93</b>
<i>capítulo 23.</i>	
A Sueli está aqui	<b>98</b>
<i>capítulo 24.</i>	
O que faz a paixão	<b>102</b>
<i>capítulo 25.</i>	
A mascarada	<b>106</b>
<i>capítulo 26.</i>	
Herói ou imbecil?	<b>111</b>





<i>capítulo 27.</i>	
A marca de Sebastião	<b>114</b>
<i>capítulo 28.</i>	
O ladrão com a faca	<b>119</b>
<i>capítulo 29.</i>	
Quem mexeu na bolsa?	<b>122</b>
<i>capítulo 30.</i>	
O mistério continua	<b>126</b>
<i>capítulo 31.</i>	
A dura verdade	<b>130</b>
<i>capítulo 32.</i>	
Como tudo aconteceu	<b>134</b>
<i>capítulo 33.</i>	
Abraços campeões	<b>139</b>
<i>capítulo 34.</i>	
Só nos duzentos	<b>142</b>
<i>capítulo 35.</i>	
Treinar, treinar, treinar	<b>145</b>
<i>capítulo 36.</i>	
Débora versus Sueli	<b>149</b>
<i>Saiba mais sobre Raul Drewnick</i>	<b>154</b>





## 1. Um carequinha muito rápido

PASCOAL SORRIU AO OLHAR PARA A OUTRA CALÇADA e ver, iluminada pelo sol de abril na manhã de terça-feira, a frente da grande loja, com sua imponente placa proclamando em caprichadas letras azuis: MERCADINHO PASCOAL.

Esperou passar um carro e, assobiando, atravessou a rua em passos lentos, para desfrutar melhor seu orgulho. Depois de uma infância pobre e uma adolescência miserável, ele havia trabalhado muito em vários empregos obscuros, economizado dinheiro com obstinação e podia agora, aos 36 anos, sentir a satisfação de ter um negócio só dele. Ali, não precisava suportar o mau humor de nenhum chefe ou patrão. O chefe era ele, o patrão também.

Ainda assobiando, girou a chave na fechadura. Quando se abaixou para suspender a porta do mercadinho, ouviu uma voz:

— Pode deixar que eu abro, seu Pascoal.

Era Matias, um de seus três empregados.

— Tudo bem, Matias?

— Tudo numa boa, seu Pascoal. E o senhor?

— Tudo numa ótima. Se melhorar, estraga...

Rindo, Matias levantou a porta. Assim que entraram, chegou Raimundo, outro dos empregados. E, logo em seguida, Lucélia, a caixa. Estava completa a equipe de atendimento do Mercadinho Pascoal para mais um dia de trabalho.

Depois de conversar alguns minutos com os funcionários, Pascoal foi para o seu pequeno escritório, perto do balcão de frutas. Dali, podia ver os quatro cantos da loja e sair para resolver qualquer dúvida ou problema e ajudar os empregados nas horas de maior movimento.

Havia inaugurado o mercadinho fazia quatro meses e andava satisfeito com as vendas. Estava gostando do bairro, também, e cada dia mais feliz por ter vencido a resistência da mulher, que não queria ir para lá de jeito nenhum. Quando soube que ele pretendia abrir a loja ali e alugar uma casa lá perto, ela havia entrado em pânico:

— Você está doido, Pascoal? O Jardim Itapetininga é o maior faroeste. É tiroteio de cinco em cinco minutos. Você não vê televisão, não?

Outros parentes avisaram também que não era uma boa ideia ele arrastar a mulher e os dois filhos para um lugar como aquele, mas Pascoal não estava disposto a desistir.

— E onde não existe violência nesta cidade? — ele perguntava, sabendo que não haveria resposta.

Agora, sentia-se feliz por não ter mudado de opinião. O aluguel da loja e o da casa custavam pouco, os moradores do bairro não pareciam selvagens e a escola não era pior do que a

maior parte das escolas da periferia. João Marcos, seu filho, e Cássia, sua filha, estavam gostando e já tinham muitos amigos.

Marta, a mulher, continuava excomungando a ideia do marido de ir morar lá. Mas Pascoal achava que logo ela ia parar de reclamar. Já a tinha visto falar uma vez ou outra com as vizinhas e eram cada dia mais frequentes os seus passeios pelas redondezas. Dificilmente ela fazia um elogio a alguma coisa, mas as suas críticas já não eram tão fortes.

— Você vai acabar gostando daqui — murmurou Pascoal, sentado no escritório e sorrindo para a foto em que a mulher aparecia com os filhos, na festa de aniversário de um deles.

Fazia quinze minutos que o mercadinho estava aberto e já uns dez fregueses tinham passado as compras pela caixa. Era um bom começo de dia, pensou Pascoal, observando um grupo de seis mulheres que entraram gesticulando e falando alto. Percebeu que o assunto delas era o maltratado parque do bairro.

— Que horror que aquilo está, hem?

— Demais. Dá até desespero.

— Tenho saudade do tempo em que a gente podia fazer umas caminhadas por ali. Agora, só passo por lá quando não tem outro jeito.

— Eu também. Nós precisamos fazer um novo abaixo-assinado.

— E abaixo-assinado resolve alguma coisa? O último que nós fizemos está lá na prefeitura há mais de dois anos, sem resposta.

— É. Mas agora o prefeito é outro.

— E isso adianta? Parece que tudo quanto é prefeito é produzido na mesma fábrica...

— Se aqui fosse um bairro chique, a gente podia ter alguma esperança. Mas vocês acham que o prefeito quer saber se um bairro do fim de mundo tem um parque cheio de árvores podres, sem grama e todo esburacado?

— Isso tudo é muito chato, mas o pior é a falta de segurança. Sozinha eu não ando mais lá, de jeito nenhum, depois que me assaltaram aquela vez.

Atento à conversa das mulheres, Pascoal só notou a presença do garoto comprido e careca quando ele, já com dois pacotes de biscoito nas mãos, se encaminhava para a caixa. Voltou a olhar para as mulheres, que tinham saído da seção de frutas e estavam na parte de enlatados, quando ouviu os gritos de Lucélia:

— Ei, moleque! Volta aqui! Volta, ladrão!

Pascoal viu o menino correndo e, logo atrás dele, correndo também e xingando, Raimundo. Lucélia tinha se levantado da cadeira, e Matias, parado no fundo, acompanhava com espanto a cena. Das mulheres, só uma parecia ter percebido o que estava acontecendo. Ela pôs a mão no peito e, com a outra, apontou a entrada da loja, para chamar a atenção das amigas. Dava a impressão de que ia gritar, mas não gritou.

Pascoal correu para fora e ficou torcendo para Raimundo alcançar o ladrão, mas logo sentiu que era impossível. O carequinha era rápido demais e, atravessando a rua no meio dos carros, dobrou a esquina e desapareceu, enquanto Raimundo e os furiosos motoristas enchiam de palavrões o ar da manhã.



## 2. Nós vamos ser grandes

QUEM NÃO ERA DO BAIRRO E PASSAVA PERTO DO COLÉGIO, no intervalo entre as duas primeiras e as duas últimas aulas, se espantava. Nessa hora, o barulho que vinha dali era assustador. Até os passarinhos procuravam voar um pouco mais alto, para evitar problemas. Naquela manhã de abril, o quarteirão onde ficava a escola parecia estar sendo sacudido por um terremoto. No pequeno pátio com piso de cimento, disputava-se uma feroz partida de futebol. Cada um dos times tinha mais de trinta jogadores.

As garotas, impedidas de circular por ali e expulsas aos empurrões quando se atreviam a desobedecer, expressavam seu descontentamento:

- Ei, qual é? Vocês pensam que são donos do pátio?
- Esse jogo acaba ou não acaba?
- Mulher não tem vez mesmo. Ô, droga!

Os garotos fingiam que aquilo não era com eles. Cada um continuava empenhado em fazer a bola — uma latinha de re-

frigerante já toda amassada — entrar no gol adversário: o espaço entre dois montes de agasalhos.

De vez em quando, algum espertinho diminuía ou aumentava esse espaço, provocando protestos:

- Ô, malandro!
- Pensa que nós somos idiotas, é?
- Pode ir pondo as traves no lugar.

O jogo parava, então, até o gol ser recolocado no seu tamanho original, o que só acontecia depois de muita discussão e empurra-empurra.

João Marcos, o filho de Pascoal, era um dos jogadores mais entusiasmados. Corria para todos os lados, tentava defender, procurava atacar. Seu joelho esquerdo, todo esfolado, era uma expressiva marca de sua dedicação.

Se só vontade bastasse, seria um supercraque. Mas não tinha nenhum jeito para aquilo. Era afobado, desajeitado, trapalhão. Quase nunca acertava a latinha. Seus chutes, quando não pegavam as canelas dos adversários, atingiam as canelas dos companheiros.

Cássia, a irmã, estava muito atenta ao jogo. Não se interessava nem um pouco por futebol e jamais torceria pelo irmão, aquele metido. Mas não podia perder nenhum dos seus ridículos lances. Mais tarde, quando ele fosse contar vantagem, como sempre fazia, ela lançaria todas aquelas jogadas sem talento e sem brilho na cara dele.

O sinal para a terceira aula soou. Acabado o jogo, iniciou-se um bate-boca que continuou enquanto os garotos voltavam para as classes: